

MARIANGELA ALVES DE LIMA

DE BÜCHNER  
E SUAS  
CRIATURAS

**G**

ravado de modo incisivo no ensaio introdutório do volume *Büchner na Pena e na Cena*, o comentário dos organizadores sobre *Woyzeck* é a um só tempo superlativo e definitivo. Nenhum outro texto da literatura dramática do século XIX, afirmam J. Guinsburg e Ingrid Koudela, impressionou tanto o teatro do século XX. E não cabe recurso.

Se esse é um truísmo confirmado pela história do teatro na Europa e nas Américas, seria tarefa ociosa demonstrá-lo. No entanto, o trabalho crítico e editorial enfeixado nesse livro publicado pela editora Perspectiva é, em razão da abrangência de propósitos, uma requalificação do marco histórico. Há muitas outras coisas no entorno dessa obra-prima a que recorreram, como fonte de inspiração ou como modelo, os grandes renovadores da dramaturgia e da cena do século passado.



*Büchner na Pena e na Cena*, de J. Guinsburg e Ingrid D. Koudela (orgs.), São Paulo, Perspectiva, 2004, 381 pp.

**MARIANGELA ALVES DE LIMA** é crítica de teatro do jornal *O Estado de S. Paulo* e organizadora, junto com João Roberto Faria e J. Guinsburg, do *Dicionário do Teatro Brasileiro* (Perspectiva).

Essa extraordinária peça escrita em 1836, cujo protagonista é extraído do proletariado urbano, permanece no repertório das grandes companhias, das escolas de teatro e dos movimentos amadores em todo o mundo. Não tiveram a mesma sorte outros escritos de Georg Büchner (1813-37) de modo que a obra teatral foi apresentada ao público teatral brasileiro no final dos anos 50 do século passado e aos leitores em edições econômicas e bem-feitas, enquanto permaneciam inéditas entre nós as reflexões teóricas e escritos ficcionais de outra ordem em que se manifestam, de modo direto ou indireto, os elementos de um ideário filosófico de conseqüências estéticas e políticas.

E a isso se refere o segundo substantivo inscrito no título desse livro. A cena de Büchner é conhecida entre os praticantes, os estudiosos e espectadores do teatro brasileiro. A “pena” indica o panfleto político, a novela inacabada *Lenz* e a seleta da correspondência ativa do escritor. Ao publicar em um único volume as três peças de teatro, as variantes textuais e a fortuna crítica derivada de apreciações do texto dramático, a editora Perspectiva enfeixa a produção de um dos mais importantes dramaturgos do teatro ocidental. Ao emparelhar obras teatrais, as mais conhecidas, com outros gêneros literários, a edição atualiza a compreensão do teatro. As peças de teatro, enriquecidas ao longo de um século por sucessivas interpretações que delas fizeram artistas e críticos, são reintegradas ao meio de cultura original, ou seja, ao movimento intelectual contínuo de um jovem artista envolvido em política, ciência e filosofia. Para quem só conhecia o teatro há a oportunidade de relações inéditas.

Além da tarefa explicativa de circunstanciar esses diferentes escritos, a apreciação crítica de Guinsburg e Koudela modifica sensivelmente a ótica das análises textualistas. Em função da excepcionalidade e também da repercussão dos procedimentos originais de Büchner na dramaturgia e no palco do século XX, o teatro destacou-se do conjunto da obra como

um campo vocacional separado das outras atividades do autor. Nesses comentários em que as peças são lidas como parte de uma atividade de escrita em que se conjugam intuições estéticas, aprendizado filosófico-político e o rescaldo de experiências de um jovem militante revolucionário, pode-se reconhecer o trajeto em que se depuram os temas e os instrumentos da invenção ficcional.

No panfleto político “O Mensageiro Rural de Essen”, escrito em colaboração e impresso em 1934, “havia uma posição afirmativa com respeito à atitude revolucionária de agitação política, em *Danton* essa postura é revertida em crítica e ceticismo”. Alguns meses depois da divulgação do panfleto, mergulhado no estudo de documentos sobre a Revolução Francesa, Büchner identifica-se com o malogro dos revolucionários. No panfleto que redigira sobre os interesses dos habitantes das “choupanas” empenhava-se em defendê-los: “[...] vós vos curvastes nas lavouras espinhosas da servidão...”. São os destinatários do texto os responsáveis pela delação à polícia política e a essa incomunicabilidade associa-se o nihilismo do revolucionário que perdeu a crença na transformação radical do mundo. Não se trata, evidentemente, de uma relação mecânica de causa e efeito, mas antes de uma passagem do idealismo à práxis política. Tema correlato, mas com tratamento inteiramente diverso, impulsiona a peregrinação da personagem título da novela *Lenz*.

Recorrendo a testemunhos de pessoas que conviveram com o escritor Jakob Reinhold Lenz (1751-92), a novela adota o ponto de vista do protagonista. Nesse caso, observam os autores do ensaio introdutório do volume, não se trata da exaltação do “eu” romântico, mas de uma nova objetividade em busca do registro preciso dos estados anímicos: “Assim sentenças curtas, sem predicado, justapõem-se a períodos longos, que parecem ter dificuldade em chegar ao termo”. Variações do padrão sintático, interrupções na seqüência narrativa e descrições de

paisagens cujo contorno se modifica sob o influxo da emotividade destacam-se, nessa análise feita pelos organizadores do livro, como pontos relevantes de um programa estético refletido na novela, comentado no epistolário e retomado de modo consciente nas peças subseqüentes.

Em muitos pontos o caráter de obra aberta da novela e o experimento com o drama atectônico adquirem, por meio dessa análise comparativa de escritos com destinos diferentes, um grau superior de deliberação que resulta em um estilo próprio. Cumprindo com eficiência e nitidez a função de situar os escritos, a introdução faz avançar novas hipóteses críticas em torno do conjunto integrado dos textos.

Além dos ensaios introdutórios e da obra quase completa, aplica-se aos textos o rigor da edição crítica. Nas notas acomodadas em páginas introdutórias ou pé-de-página pode-se dizer que são saciadas quase todas as dúvidas dos leitores, sejam eles novatos ou aficionados da dramaturgia em língua alemã. Problemas de ordem filológica, tais como o relato de percalços editoriais, registro de variantes ou conjecturas, de imensa valia para estudiosos de literatura ou da história do teatro, são elencados com rigor científico. Ao mesmo tempo o empenho editorial contempla os marinheiros que fazem a primeira viagem no universo de Büchner. Cada personagem de *A Morte de Danton*, por exemplo, é confrontada, nas notas, com registros biográficos da figura histórica em que se baseia. O trabalho de comparar a criação

ficcional com os documentos é facilitado para que não se disperse o efeito estético da recriação. Quando a menção breve de um nome próprio no diálogo pode conduzir a uma compreensão mais profunda do pensamento do autor, a nota oferece um resumo epistemológico. É desse feitio, por exemplo, o esclarecimento que se segue à citação de Spinoza no diálogo entre Mercier e Tom Payne. Metáforas cujos referentes históricos ou culturais seriam obscuros para o leitor brasileiro de hoje são deslindadas tanto na ficção quanto nas explicações apostas às missivas. Questões de categorização estética são destacadas por comentários tendo em vista a repercussão das soluções de Büchner na arte do século posterior. Desse modo as notas sinalizam o percurso da significação histórica.

Para começar e para terminar incluem-se no livro exemplares significativos da fortuna crítica da obra de Georg Büchner no Brasil. Três textos introdutórios são pontos altos do ensaísmo teatral brasileiro e brilham nesse volume. Escritos por Anatol Rosenfeld, os ensaios “A Atualidade de Büchner” e “A Comédia do Niilismo” são respectivamente uma síntese estético-histórica da obra e uma leitura crítica de *Leonce e Lena*, em que o crítico mobiliza as outras obras enfeixadas no volume. Sábado Magaldi assina um ensaio de alta estatura literária no qual se equilibram de modo equânime o entendimento e o amor por *Woyzeck*. Outros ensaios procuram captar encenações que, continuamente, invocam em cena as criaturas de Büchner.